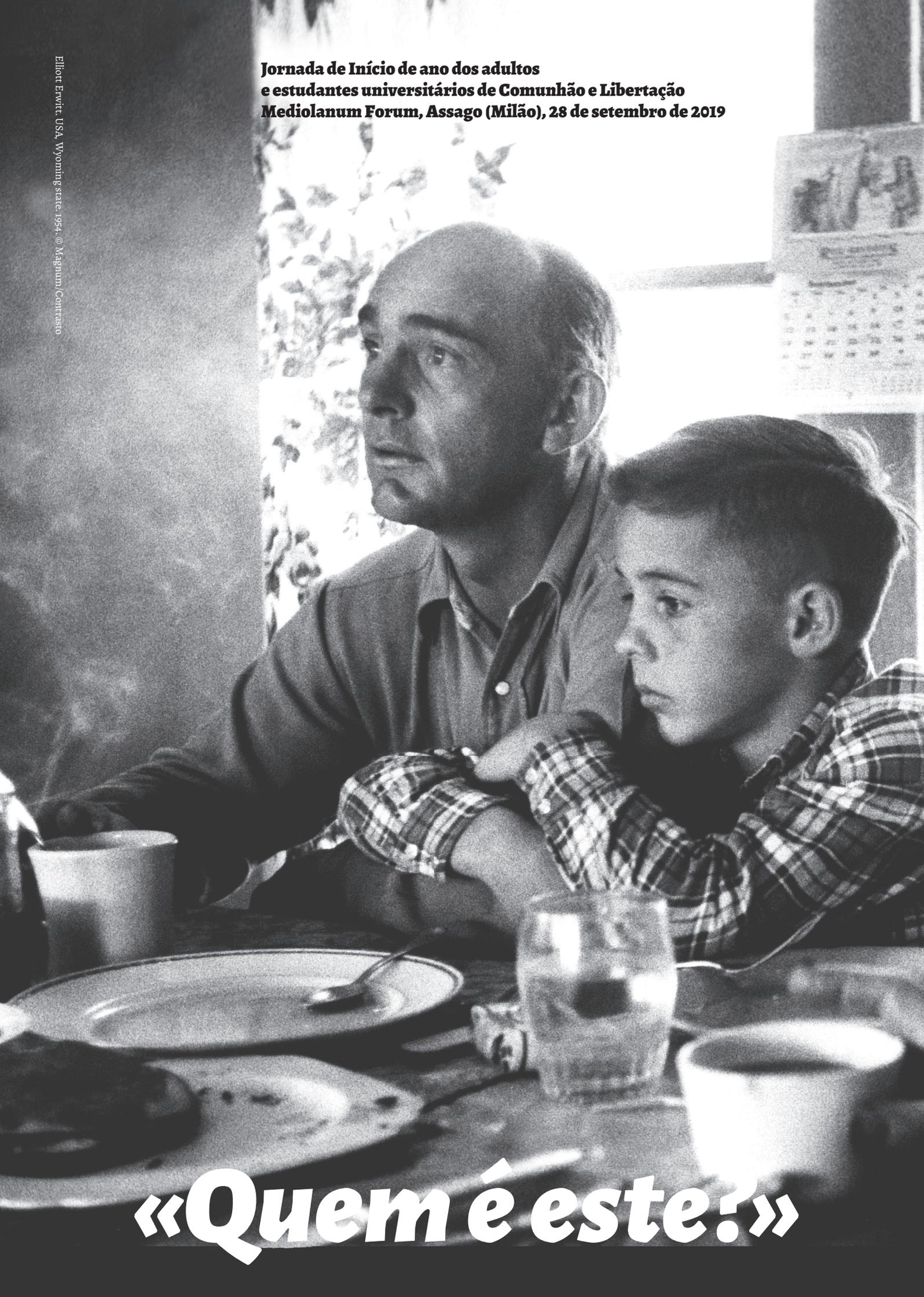


**Jornada de Início de ano dos adultos
e estudantes universitários de Comunhão e Libertação
Mediolanum Forum, Assago (Milão), 28 de setembro de 2019**

Elliot Erwitte, USA, Wyoming state, 1954. © Magnum/Contrasto



«Quem é este?»

«Quem é este?»

Jornada de início de ano dos adultos e dos estudantes universitários de Comunhão e Libertação

Mediolanum Forum, Assago (Milão), 28 de setembro de 2019

Julián Carrón

Peçamos ao Espírito a pobreza de coração que nos torna disponíveis para nos deixarmos agarrar por Cristo.

Vinde, Espírito Santo

Numa entrevista recente, à pergunta: «Qual é a angústia mais frequente?», o filósofo e psicanalista Umberto Galimberti respondeu: «Aquela que é causada pelo niilismo. Os jovens não estão bem, mas nem sequer percebem porquê. Falta-lhes um objetivo. Para eles, o futuro de promessa tornou-se uma ameaça». E logo a seguir acrescenta: «Em 1979, quando comecei a ser psicanalista, os problemas eram do foro emotivo, sentimental e sexual. Agora têm a ver com o vazio de sentido» (U. Galimberti, «Aos 18 anos fora de casa: precisamos de um serviço cívico de 12 meses», entrevista de S. Lorenzetto, *Corriere della Sera*, 15 de setembro de 2019).

Parece-me que estas declarações identificam bem o desafio que cada um está a viver. Vemo-lo diariamente, a nível pessoal e social, como constatámos também nestes dias com a questão do fim da vida. O que está em jogo é tão alto, que não podemos tentar minimizá-lo. Qualquer tentativa neste sentido não faz mais do que confirmar o quão decisivo é o jogo.

A este desafio não é possível responder com discursos sobre grandes teorias, com um moralismo ou com o sentimentalismo, que deixam tudo na mesma. Aqui, é posta em causa, até à raiz, a experiência que cada um faz da vida. O próprio professor Galimberti está consciente disso, tanto que à pergunta: «Qual é o significado da existência?», respondeu: «Tenho de procurá-lo na ética dos limites, naquilo a que os gregos chamavam de justa medida». Cada um pode verificar se esta resposta é capaz de preencher a «falta de sentido» e de fazer frente ao niilismo por ele denunciado.

Não sei se essa resposta satisfaria um autor como Houellebecq, que escreve, numa carta pública a Bernard-Henri Lévy: «Para mim é penoso admitir que experimentei, cada vez com mais frequência, o desejo de ser amado. Um mínimo de reflexão convencia-me, naturalmente, de todas as vezes, do absurdo de tal sonho: a vida é limitada e o perdão, impossível. Mas a reflexão não podia fazer nada, o desejo persistia e devo confessar que persiste até hoje» (F. Sinisi, “Michel Houellebecq. “A vida é rara”». *Tracce*, n. 6/2019, p. 65). Também Houellebecq, como Galimberti, se apercebe do limite da vida, mas isso não anula em si – apesar de parecer absurdo à sua reflexão – o desejo de ser amado.

«Quão importante é sentir-se interpelado pelas perguntas dos homens e das mulheres de hoje!», disse o Papa Francisco recentemente, aos participantes do encontro organizado pelo Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização (21 de setembro de 2019). Além do facto de, em tantas ocasiões, serem também as nossas próprias perguntas; elas impelem-nos a ter em conta o contexto cultural em que vivemos. Para responder a esta provocação, Dom Giussani propôs-nos um caminho: a experiência.

1. Experiência, a palavra-chave de tudo

«O caminho para a verdade é uma experiência», foi o tema que nos propusemos este verão. E agora, depois daquilo que vivemos, podemos responder à pergunta: «É mesmo verdade que o caminho para a verdade é uma experiência?» Que factos aconteceram a cada um de nós nestes meses que provam isso? Se não vemos acontecer na nossa experiência as coisas de que falamos, nada nos poderá convencer – a nós como aos outros – da sua verdade. É por isso que a insistência de Dom Giussani na experiência é tão radical: para ele «a realidade torna-se evidente na experiência», como dizia aos universitários em 1996 (*In cammino*, 1992-1998, Bur, Milão 2014, p. 311). Por isso – sublinha – «a experiência é a palavra-chave de tudo» (*L'autoconscienza del cosmo*, Bur, Milão 2000, p. 274).

Consequentemente, se não quisermos perder o carisma pelo caminho, temos de nos aperceber se estamos verdadeiramente a fazer experiência. «Quem não parte da experiência», reitera Giussani, «engana, quer enganar a si próprio e aos outros». E continua: «O Homem só pode partir da experiência», porque ela «é o lugar onde a realidade surge [...] em [uma] determinada face, de acordo com um certo aspeto, de acordo com uma certa inclinação» (*ibid*). É impressionante ver como um niilista encarniçado como Houellebecq o testemunha em todo o seu dramatismo: a sua reflexão falava-lhe do absurdo do desejo de ser amado, mas a reflexão não podia fazer nada contra o juízo que surgia nele sem possibilidade de contestação: «O desejo persistia e devo confessar que persiste até hoje». É neste juízo que consiste a experiência. Nada consegue suprimir aquele desejo e nada consegue satisfazê-lo.

Isto mostra-nos, mais uma vez, o quanto é crucial a indicação de método que Dom Giussani nos dá desde o primeiro capítulo de *O sentido religioso*: a experiência como ponto de partida é a única coisa que nos permite conhecermo-nos a nós mesmos e à realidade, perceber como são as coisas, e que nos liberta da escravidão das imagens, dos esquemas, das reduções aos quais tantas vezes sucumbimos, influenciados de fora, pela mentalidade comum, ou pelas nossas conveniências imediatas.

Mas o que é experiência? «É certo que a experiência coincide com o “provar” alguma coisa; mas coincide, principalmente, com o juízo dado sobre o que se prova. “A pessoa é, antes de tudo consciência. [...] Logo, a experiência implica a inteligência do sentido das coisas”». (L. Giussani, *O sentido religioso*, Verbo, Lisboa 2008, p. 17). Portanto, só podemos dizer que o caminho para a verdade é uma experiência se ativarmos a comparação consciente entre aquilo que sentimos e as exigências que nos constituem. Não basta repetirmos a fórmula como um *mantra* se, depois, reduzimos

constantemente a experiência ao que sentimos, a algo sentimental, ao seu aspeto mais evanescente. A isto sucumbe muitas vezes a própria experiência cristã, o próprio acontecimento cristão. Por isso Dom Giussani insiste em fazer-nos perceber bem o que quer dizer com a palavra «experiência».

«A experiência é um método fundamental através do qual a natureza favorece o desenvolvimento da consciência e o crescimento da pessoa. Por isso não há experiência se o homem não notar que «cresceu» com ela [não é mecânico perceber o que acontece connosco]. Mas para crescer verdadeiramente, o homem precisa de ser provocado ou ajudado por uma coisa diferente dele, *objetiva*, por uma coisa que ele “encontra”» (L. Giussani, *O caminho para a verdade é uma experiência*, Tenacitas, Coimbra 2007, p. 138).

Este método, que é válido em qualquer âmbito do conhecimento, aplica-se também ao conhecimento do Mistério: «Foi através de uma experiência verdadeira e objetiva que os homens se aperceberam da presença de Deus no mundo». Continua Giussani: «São João escreve impetuosamente aos primeiros cristãos: “De facto, a vida manifestou-se, nós vimos-la, dela damos testemunho e anunciamo-vos a vida eterna que estava junto do Pai e que se manifestou a nós”. Através de uma experiência verdadeira e objetiva [diz uma segunda vez], a presença de Cristo na Sua Igreja manifesta-se na história do homem consciente. O encontro com a comunidade cristã ou a verificação da sua mensagem [...] também é uma experiência verdadeira e objetiva [também!, afirma Dom Giussani]» (*ibid*). Giussani repete três vezes que aquilo de que estamos a falar é o objeto de uma «verdadeira experiência objetiva». «Verdadeira», ou seja, eficaz, que não tem nada a invejar a qualquer outra experiência. E «objetiva», porque é o embate com qualquer coisa que está fora de mim, que não sou eu que produzo.

Há uns vinte dias, em Salvador da Baía, um amigo contava-me: «Desde criança, eu vivia num ambiente protestante. Quando fiquei um pouco mais velho, fui batizado, até não querer mais viver como eles; então saí e passei cerca de um ano questionando e até troçando da religião. Procurei lugares que pregavam a razão e a ciência contra a religião. Mas em tudo isso, a vida que vivi não me satisfiz. Eu queria outra coisa, mas não sabia o que era. Comecei a pesquisar outras religiões, mas sempre deixava a Igreja Católica de lado, porque era errada para mim. Até que um amigo de infância meu decidiu convidar-me para uma festa de fantasia do grupo de jovens do meu bairro. Eu fui lá, porque não era nada de religioso. Mas quando saí da festa, comecei a perguntar-me por que tinha lido tudo, ignorando sempre a Igreja Católica. Comecei a levar as minhas perguntas a sério. Não só comecei a ler alguma coisa sobre a Igreja Católica, como também a procurar realmente uma resposta que correspondesse à minha razão e ao meu coração. E, na minha pesquisa, comecei a sentir que o que eu lia sobre a Igreja Católica me correspondia. Aquilo fazia sentido para mim. Então decidi converter-me, fui batizado na Igreja Católica, fiz a minha Primeira Comunhão, o Crisma. Fiquei feliz, mas queria encontrar algo mais. Queria um lugar para ficar. Vi muitos ambientes, o que me deixou muito angustiado, porque eles me deram a imagem de uma Igreja muito fechada, constantemente em alerta contra o risco de um antipapa, e coisas assim. E perguntei-me: se é assim, qual é o significado de ser católico? Então continuei a minha pesquisa, até

encontrar uma entrevista na qual o Carrón disse: “Se não achamos que Francisco é a cura, é porque não percebemos a doença” (J. Carrón, entrevista por John L. Allen e Ines San Martin, *Cruxnow.com*, 21 de junho de 2017). Achei interessante, porque era uma coisa diferente e, mesmo noutros lugares, acabávamos sempre por concluir: “Temos fé em Nosso Senhor Jesus Cristo”, da maneira que Carrón disse, que estas não eram apenas palavras no papel, mas uma esperança viva. Lembro-me de uma passagem da entrevista que chamou a minha atenção. Ele falou sobre alguns casais solteiros que começaram a conhecer famílias de CL, e ainda que essas famílias não tivessem dito nada sobre a sua condição perante a Igreja, esses casais decidiram casar-se apenas porque tinham visto e conhecido aquelas famílias. Então eu disse: isto é interessante para mim, é o que eu procurava! Então comecei a segui-lo. Eu queria saber quem era o Carrón e quem eram essas pessoas. Segui, conheci as pessoas do CL aqui em Salvador. Fiquei porque vi algo diferente, algo que me correspondia. Talvez eu não tivesse permanecido na Igreja se não fosse este lugar, porque comecei a olhar para a realidade de uma nova maneira e a ter uma nova aparência, um amor maior». Impressiona-me que uma pessoa assim tão apaixonada, à procura de uma resposta para as exigências do coração, precisamente devido à sua lealdade com a sua experiência, não tenha conseguido parar antes de encontrar uma realidade – histórica, objetiva, um rosto concreto da Igreja – capaz de atraí-la e de responder à sua expectativa constitutiva.

Tendo presente o que foi dito até agora, podemos perceber por que é que Dom Giussani, a dada altura, confessou: «A coisa mais importante que eu disse na minha vida é que Deus, o Mistério, se revelou, se comunicou aos homens de tal forma que se tornou no objeto da experiência deles. O mistério torna-se também objeto da nossa experiência; torna-se objeto da nossa experiência identificando-se com um sinal que é feito de tempo e de espaço» (*L'autocoscienza del cosmo*, op. cit., pp. 164-165). Isto é crucial. «Para se dar a conhecer, Deus entrou na vida do homem como homem, segundo uma forma humana, de tal forma que o pensamento, a imaginação e a afetividade do homem foram como que “bloqueados”, magnetizados por Ele. (L. Giussani – S. Alberto – J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, Bur, Milão 2019, p.36). Este é, então, o teste que comprova a presença de Deus na história, ou seja, Cristo que opera na nossa vida: que somos «bloqueados», magnetizados por Ele.

O Evangelho é uma ilustração evidente disto.

«Um fariseu convidou-o para comer consigo. Entrou em casa do fariseu, e pôs-se à mesa. Ora certa mulher, conhecida naquela cidade como pecadora, ao saber que Ele estava à mesa em casa do fariseu, trouxe um frasco de alabastro com perfume. Colocando-se por detrás dele e chorando, começou a banhar-lhe os pés com lágrimas; enxugava-os com os cabelos e beijava-os, unguendo-os com perfume. Vendo isto, o fariseu que o convidara disse para consigo: “Se este homem fosse profeta, saberia quem é e de que espécie é a mulher que lhe está a tocar, porque é uma pecadora!” Então, Jesus disse-lhe: “Simão, tenho uma coisa para te dizer”. “Fala, Mestre” – respondeu ele. “Um prestamista tinha dois devedores: um devia-lhe quinhentos denários e o outro cinquenta. Não tendo eles com que pagar, perdoou aos dois. Qual deles o amará mais?” Simão respondeu: “Aquele a quem perdoou mais, creio eu”. Jesus disse-lhe: “Julgaste bem”.

E, voltando-se para a mulher, disse a Simão: “Vês esta mulher? Entrei em tua casa e não me deste água para os pés; ela, porém, banhou-me os pés com as suas lágrimas e enxugou-os com os seus cabelos. Não me deste um ósculo; mas ela, desde que entrou, não deixou de beijar-me os pés. Não me ungieste a cabeça com óleo, e ela ungiu-me os pés com perfume. Por isso, digo-te que lhe são perdoados os seus muitos pecados, porque muito amou; mas àquele a quem pouco se perdoa pouco ama”. Depois, disse à mulher: “Os teus pecados estão perdoados”. Começaram, então, os convivas a dizer entre si: “Quem é este que até perdoa os pecados?” E Jesus disse à mulher: “A tua fé te salvou. Vai em paz!”» (Lc 7,36-50). Aqui está uma mulher completamente atraída por Cristo. Esta é a pergunta séria para nós e para o mundo. Se não somos atraídos por Ele, de facto, somos um barco sem amarras, à mercê dos nossos pensamentos, à mercê das nossas reações, à mercê da nossa maneira de pensar, da nossa maneira de encarar as coisas. Em resumo, à mercê do nada. A diferença é óbvia quando encontramos uma pessoa presa até às entranhas. É isto a fé. Tanto é assim que Jesus lhe diz: «A tu fé te salvou».

2. «Quando o Filho do Homem voltar, encontrará a fé sobre a terra?»

Mas então – segundo ponto –, uma vez que este acontecimento se deu, que Deus entrou na história como Homem, para se dar a conhecer, a única questão é a que Dom Giussani nos colocava na Jornada de Início de Ano do ano passado, fazendo sua a pergunta de Jesus: «Quando o Filho do Homem voltar, encontrará a fé sobre a terra?» (Lc 18, 8). Ou seja, o nosso problema não é se Ele nos vai encontrar a falar sobre Ele, a fazer os nossos encontros ou determinados gestos, mas se haverá ainda alguém entre nós atraído por Ele, que se deixou agarrar por Ele até às entranhas para não acabar no nada. A condição para que isso possa acontecer é que a Presença que entrou na história continue presente, como dissemos na segunda lição dos Exercícios da Fraternidade. De facto, não pode ser uma tentativa nossa a torná-Lo presente. A Sua permanência na história foi-nos assegurada por Ele: «Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos» (Mt 28, 20). O nosso verdadeiro problema, então, é se estamos abertos a interceptá-Lo no presente, como o amigo de Salvador da Baía, sem deixarmos que nos escape aquilo que está a acontecer: Ele, Ele que está a acontecer. Não é óbvio que nós interceptemos a Sua presença naquilo que acontece e que contamos uns aos outros.

Como dizia Dom Giussani na última Jornada de Início de Ano, o que está em jogo não é a pertença a uma associação: podemos participar na associação e não O intercetar. Não é uma associação o que resolve o problema do niilismo, da falta de sentido. Só a fé. É por isso que Dom Giussani nos dizia: «É a fé que nós procuramos, é a fé em que queremos penetrar, [...] que queremos viver» («Vivo quer dizer “presente”!», *Tracce*, 9/09/2018, p. 4), porque tudo o resto não é capaz de nos atrair, de nos arrancar do niilismo.

Mas como é que isso é possível hoje? Exatamente como foi no início: embatendo numa presença cheia de significado, que exige da nossa parte uma pobreza, uma disponibilidade para nos deixarmos surpreender. E é precisamente Ele, quando acontece, que nos torna pobres, que provoca em nós essa disponibilidade para nos deixarmos surpreender e agarrar. Porque «se não nos maravilhamos, ficamos surdos para o sublime» (como diz Heschel, citado no capítulo

X de *O sentido religioso*, na passagem escolhida como título do Meeting 2020), ou seja, ficamos surdos para o que acontece. Por isso Dom Giussani convida-nos a identificarmo-nos com a origem. «Como é que começaram a acreditar?» Ele insiste em voltar a propor esta questão, para que nos identifiquemos com o início, que é o cânone, o paradigma do que aconteceu, como ficou documentado na Sagrada Escritura: é esse o método para todos os momentos do caminho. É assim que Giussani responde: «Não creram porque Cristo falava dizendo aquelas coisas, não creram porque Cristo fez aqueles milagres; não creram porque Cristo citava os profetas; não creram porque Cristo ressuscitou os mortos. Quantas pessoas (a esmagadora maioria) O ouviram falar assim, o ouviram dizer aquelas palavras, o viram fazer aqueles milagres, e o acontecimento não se deu para elas. O acontecimento foi alguma coisa de que o milagre ou o discurso eram artigos, eram segmentos, eram factores, mas foi outra coisa, de mais, de tão diferente que deu ao discurso e ao milagre o seu significado. (L. Giussani, «Vivo quer dizer “presente!”», cit., p. 8).

Mas então por que acreditaram? «Creram por aquilo que Cristo mostra. [...] Creram por uma presença. Não uma presença imberbe ou indistinta, não uma presença sem rosto: uma presença com um rosto bem preciso, uma presença carregada de palavra, ou seja, carregada de proposta». Agora, como vemos muitas vezes, «não é qualquer presença com proposta que está carregada de significado» (*ibid*). Ouvimos muitas propostas, mas quantas são capazes de nos atrair?

Quando é que se torna evidente que identificámos uma presença cheia de significado? Quando nos apercebemos que fomos atraídos, tomados: como a mulher pecadora, como no início. E isto só acontece diante de «uma novidade radical» que Giussani repete «com os termos: “imprevisto” e “imprevisível”»: uma «coisa que não existia e existe, está ali; [...] não podia existir e existe». Uma proposta está carregada de significado quando «envolve [...] a pessoa que carrega esse significado», quando coincide com a presença de uma pessoa totalmente envolvida no significado que carrega consigo. Trata-se de uma presença «irredutível ao passado» (*ibidem*, pp. 8-10), é uma presença em que se expressa um “mais”, imprevista, imprevisível, não existia e agora existe. Se isso não acontece agora, e se não nos surpreende agora, quer dizer que o cristianismo se tornou um passado para nós. E, pelo contrário: «Vivo quer dizer presente!», está ali, não podia estar e está ali. E o sinal é que, embatendo numa determinada presença – uma presença não produzida por mim, real, objetiva, fora de mim –, surge em mim, em nós, a pergunta: «Quem é este?» (*Mt* 8,27).

Esta pergunta descreve alguma coisa que continua a acontecer hoje, também através de nós. Penso nas pessoas que embatem na nossa presença, quando estamos juntos ou quando estamos sozinhos, nas mais variadas circunstâncias – refiro-me aos muitos relatos de encontros que tiveram lugar nas férias da comunidade, ou no local de trabalho, ou na universidade – e que, devido à diferença de vida que veem, devido à novidade humana que a graça que nos é dada gera em quem a acolhe, perguntam a si mesmos: «Mas tu, mas vocês quem são? Como é que são assim?» Dois mil anos depois, ecoa no mundo a mesma pergunta.

Mas como é que pode surgir a pergunta? Esta pergunta é o epifenómeno, o indício de alguma outra coisa, que não somos nós. O problema encontra-se precisamente aqui: compreender o que significa alguém fazer-se esta pergunta. Às vezes ficamo-nos por isso, um tanto espantados, um tanto obtusos, sem nos perguntarmos: «O que é que aquelas pessoas terão visto para virem a fazer aquela pergunta?» Viram-se diante de uma presença que expressava um «mais», «alguma coisa» que ia além das qualidades naturais, ou do empenho, ou da boa vontade de quem tinham à sua frente, uma coisa nunca antes vista («Nunca vi uma humanidade assim!»). Caso contrário, a pergunta não teria surgido. Ou seja, aquela pergunta ilustra uma Presença maior que nós, que age em nós, em pessoas como nós («Uma coisa que tem qualquer coisa dentro», dizia Giussani na frase que relembremos nos Exercícios). A pergunta jorra do espanto diante da “resposta em ação” à sede do coração que é Cristo vivo, isto é, jorra diante da excepcionalidade de Cristo que acontece, mesmo que ainda não seja reconhecida como tal, pelo que é.

Se Cristo não estivesse presente – através de um sinal humano –, não haveria nem espanto, nem pergunta: aquele espanto que explode em pergunta só pode ser gerado diante de uma presença viva.

Mas também nós temos de estar presentes, com a nossa pobreza, com a nossa abertura e disponibilidade, como mendicantes que aguardam o acontecer de uma presença à altura do desejo humano. De facto, podemos estar diante do mesmo fenómeno de diferença humana e permanecermos cegos: aquela excecionalidade acontece e nós não a vemos, não nos espantamos com ela e não nasce em nós nenhuma pergunta.

Por isso, mesmo estando imersos nesta presença, em vez de aumentar aquele espanto que faz surgir a pergunta, tantas vezes dizemos: «Já o sabemos, *psfff*». Quando oiço dizer isto, caem-me os braços: nem um pinguinho de espanto! Imaginem se podem surgir as perguntas! Por isso, se levarmos para casa nem que seja só esta pergunta: «Quem é este?», não terá sido inútil vir aqui hoje.

Podemos verificá-lo todos os dias: quantas vezes ficamos espantados e somos atraídos por uma presença, e quantas vezes “a contamos”, repetindo palavras ou descrevendo factos – ainda que gritantes –, mas sem nos espantarmos com aquele «mais» que acontece diante de nós e sem que surja a pergunta? Isso irá conduzir-nos ao ceticismo, porque já não basta saber as coisas certas – o desafio identificado por Galimberti não o permite – nem dizer a palavra certa. E «quando Ele voltar», não encontrará entre nós alguém que ainda se espante com a Sua presença, que O reconheça realmente presente na carne de uma humanidade transformada, ainda que continuemos a pertencer à associação. Porque o que está em jogo não é a associação, é a fé. E a fé é apenas isto: o reconhecimento da Sua presença presente, que continua a acontecer agora como há dois mil anos.

Cristo não está fechado num passado, o Seu acontecimento – aquele acontecimento que nos conquistou a cada um de nós, caso contrário não estaríamos aqui – não é conservado num museu (foi o que nos disse o Papa Francisco na Praça de São Pedro, lembram-se?) não pertence às recordações de um tempo que passou: é agora, e é agora na carne! Um passado não é suficiente para tornar interessante a fé hoje para cada um de nós, tal como não era suficiente no início. Era preciso que acontecesse alguma coisa no presente.

«Entraram em Cafarnaúm. Chegado o sábado, veio à sinagoga e começou a ensinar [eles estavam acostumados a ir à sinagoga para ouvir alguém pregar, mas desta vez tiveram o primeiro golpe]. E maravilhavam-se com o seu ensinamento [muitos ensinavam, muitos faziam propostas comentando as Escrituras, mas Ele] [...] ensinava como quem tem autoridade e não como os doutores da Lei. Na sinagoga deles encontrava-se um homem com um espírito maligno, que começou a gritar: “Que tens a ver connosco, Jesus de Nazaré? Vieste para nos arruinar? [até os demónios O reconheceram]. Sei quem Tu és: o Santo de Deus”. Jesus repreendeu-o, dizendo: “Cala-te e sai desse homem”. Então, o espírito maligno, depois de o sacudir com força, saiu dele dando um grande grito. Tão assombrados ficaram [com as palavras e gestos de Jesus] que perguntavam uns aos outros: “Que é isto? Eis um novo ensinamento [não redutível ao passado, ao já conhecido], e feito com tal autoridade [um novo povo nasceu daqui] que até manda aos espíritos malignos e eles obedecem-lhe”. E a sua fama logo se espalhou por toda a parte, em toda a região da Galileia» (Mc 1, 21-28). Ouviam muitas vezes comentários sobre as Escrituras, mas sem se surpreenderem com eles. O que fez a diferença foi encontrarem-se diante de uma autoridade que, devido à novidade daquilo que dizia, provocou a pergunta: «Mas o que é isto?».

O carácter decisivo desta autoridade é-nos testemunhado por Dom Giussani em pessoa. Vamos ouvi-lo!

De uma conversa de Luigi Giussani com um grupo de Memores Domini (Milão, 29 de setembro de 1991)

Transcrição da gravação reproduzida durante a Jornada de Início de ano de 28 de setembro de 2019 e conservada no Arquivo Histórico da Associação Eclesial Memores Domini. Cf. «A alegria, a letícia e a audácia. Ninguém gera, se não é gerado», Tracce-Litterae communionis, n. 6/1997.

Luigi Giussani

Qual é o fator mais importante na realidade de povo como povo, na realidade de companhia como companhia, tal como meditámos esta manhã, na realidade de povo como povo à qual fomos chamados, de companhia da qual participamos, de lugar da profecia, lugar do grito de que tudo é Deus, o lugar verdadeiro do sentido religioso?

O fator mais importante do povo como povo, da companhia como companhia, é aquilo a que chamamos de «a autoridade».

É profundamente necessário destruímos, até à última pedra, a imagem robotizada de autoridade ou de guia, quase como se fossem indivíduos, [como] se se tratasse de indivíduos fechados dentro de uma torre, da qual conduzem, da qual lançam sinais, da qual guiam o andamento das coisas.

A autoridade, o guia, é justamente o contrário do poder, não existe nela nem uma vírgula, nem um ponto da palavra poder. Por isso, está completamente ausente, diante do conceito de autoridade no povo de Deus, a qualquer nível, está completamente ausente qualquer reflexo de temor: porque ao poder corresponde o temor, e uma pessoa, para se libertar do temor, deve pouco ralar-se com o poder.

O que é esta autoridade? Dou uma definição. [A autoridade] é o lugar – porque tu também és um lugar, não é? uma pessoa é um lugar –, é o lugar onde a luta para afirmar, a luta da profecia e a verificação da profecia, o lugar onde a luta e a verificação da resposta que a nossa proposta, que a proposta da Cristo é para a percepção do coração... a autoridade é o lugar onde a luta para afirmar e a verificação para confirmar que a proposta de Cristo é verdadeira, ou seja, é resposta à percepção, às exigências do coração (ao sentido religioso, [que] é dado pelas exigências do coração, que acusa a resposta que tem à sua frente), é mais límpida e mais simples – por isso não provoca temor –, é mais pacífica. A autoridade é o lugar onde a verificação entre a percepção, entre as exigências do coração e a resposta que é dada pela mensagem de Cristo é mais límpida e mais simples, e portanto é mais pacífica.

Pasolini, num texto seu, que citei várias vezes nos últimos tempos, diz que os homens não são educados, que os jovens não são educados: se uma pessoa os educa, educa-os com seu ser, não com os seus discursos.

A autoridade é o lugar onde o nexa entre as exigências do coração e a resposta dada por Cristo é mais límpido, é mais simples, é mais pacífico. [Isso] indica que a autoridade é um ser, não uma fonte de discursos. Também o discurso faz parte da consistência do ser, mas apenas como reflexo. Em suma, a autoridade é uma pessoa que, ao ser vista, mostra que aquilo que Cristo diz corresponde ao coração. O povo é guiado por isto.

Então, segunda ideia, o problema não é seguir... O problema é seguir, mas não é completa e perfeitamente indicado pela palavra «seguir»: é mais indicado pela palavra «filiação». Uma pessoa é filha da autoridade. Um filho recebe a cepa do pai, torna-a sua, é constituído pela cepa que lhe vem do pai, é constituído pelo seu pai. Por isso, está totalmente tomado. A autoridade toma-me todo, não é uma palavra que me faz medo ou me faz temer, ou que eu «sigo». Toma-me. Por isso, então, a palavra «autoridade»... é a palavra «autoridade» que poderia ter como sinónimo a palavra «paternidade», portanto geratividade, geração, comunicação de *genus*, comunicação da cepa de vida. A cepa da vida é o meu eu que é revestido e tornado diferente por esta relação.

A palavra «autoridade», que corresponde à palavra «paternidade», é seguida pela palavra «liberdade», gera liberdade. Ser filho é a liberdade. E, com efeito, o Evangelho diz em várias passagens: «Diz-me – diz Jesus a Pedro –, cabe ao filho do rei pagar tributos ao rei? Não, cabe aos servos, pois o que é do pai é do filho».

Por isso a autoridade é verdadeira ou é realmente experimentada como tal, quando faz explodir a minha liberdade, faz explodir a minha consciência e a minha responsabilidade pessoal, a minha consciência e a minha responsabilidade pessoal.

Por isso, como justamente me foi observado, quando Jesus se voltou e disse: «Vós quem dizeis que Eu sou?», e Pedro respondeu: «Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo», a pergunta de Cristo fez Pedro passar de uma lógica de amigo – antes era um amigo, um conhecido – para uma responsabilidade de consciência pessoal, para uma condição de responsabilidade pessoal. Foi com a sua responsabilidade que ele disse: «Tu és o Cristo, o Filho do Deus»; a amizade que tinha com Cristo tornou-se naquele momento, foi repentinamente iluminada pela consciência pessoal e pela responsabilidade, pela consciência e pela responsabilidade que a exprimiam.

Não há relação com um lugar de autoridade, com quem é autoridade, se a pessoa não sentir explodir a sua própria liberdade em consciência pessoal e em responsabilidade pessoal.

Terceiro: a autoridade, então, se for fonte de uma liberdade assim, torna-se lugar de conforto e faz com que toda a companhia, todo o povo se torne lugar de conforto. Em que sentido? Lugar de conforto porque, se eu vejo uma pessoa em quem Cristo venceu, vence, transparece, convence e muda, mostra o quanto é correspondente às exigências do coração; se uma pessoa me testemunha isto, se eu, vendo-a, percebo que nela isso acontece, então começo a perceber que também na companhia acontece isto; então – como quer que eu seja, seja qual for o estado de ânimo em que eu esteja, quer tenha dado poucos ou muitos passos – sou como que enchido de conforto: «Os teus preceitos são fonte de alegria», de conforto, pois Cristo vence.

A autoridade é o lugar onde se torna evidente que Cristo vence. O que quer dizer que Cristo vence? Que Cristo demonstra, até na aparência, até nas margens da aparência, demonstra que corresponde, que corresponde às exigências do coração de maneira persuasiva, de maneira profética. Isso acontecerá também comigo. Parece impossível. Também para aquele ali que é autoridade era impossível e agora é possível, é real. Cristo vence.

A autoridade é, portanto, lugar de paternidade, onde a vida nova – que é aquela em que Cristo responde ao coração, [àquilo] para o que o homem é feito, onde Cristo responde ao coração – é mais límpida, mais límpida e mais clara. Esta é a verdadeira autoridade. Por isso pode ser autoridade a frágil mulher que coloca uma moeda na caixa de esmolas do templo, mais até do que o chefe dos fariseus.

Esta autoridade paternal, geradora, demonstra-se na experiência de uma maior liberdade, consciência pessoal e responsabilidade pessoal, de modo que mesmo que todos fossem embora, mesmo que todos dessem ao pé, e todos traíssem – como dizia, como disse um trecho maravilhoso que citei na última jornada do ano, na primeira jornada do ano –, se todos traíssem, eu digo-te: «Sim!». Consciência e responsabilidade pessoal. E por isso a autoridade é lugar de conforto, onde se vê que Cristo vence. E assim a autoridade cumpre o seu verdadeiro mandato, porque exalta o povo, faz perceber que todo o povo e toda a companhia é o lugar onde Cristo vence. ■

Carrón

A autoridade é o fator mais importante na realidade de um povo, porque sem autoridade não se gera um povo. Por isso, cada um de nós é chamado a reconhecê-la onde ela está, porque – como acabámos de ouvir – «por isso pode ser autoridade a frágil mulher que coloca uma moeda na caixa de esmolas do templo, mais até do que o chefe dos fariseus». Em que é que isto fica demonstrado? A autoridade «é uma pessoa que, ao ser vista, mostra que aquilo que Cristo diz corresponde ao coração» e por isso é um conforto para todos nós, qualquer que seja o ponto do caminho em que nos encontramos.

Durante uma Escola de Comunidade, uma amiga contou: «Por motivos pessoais, no ano passado optei por deixar o movimento e anular a inscrição na Fraternidade. Vocês devem estar a perguntar-se: “Então, o que é que estás a fazer

aqui?”. Em maio passado, aconteceu uma coisa na minha vida, que pode parecer banalíssima: bateram-me no carro quando ia tomar um aperitivo com os meus colegas. Como o embate foi muito violento, eles levaram-me ao hospital, onde vivi um período de espera maravilhoso, porque o que aconteceu ali foi o que me trouxe aqui hoje. Assinalei os pontos que gostaria de sublinhar no livrinho dos Exercícios: “Mas de onde é que me vem isto tudo?”. Temos de perceber bem de onde nos vem, senão por que razão havíamos de voltar aqui? Vem-nos de Cristo vivo”. E depois a parte sobre o “lugar”. Por volta das duas da manhã, sou visitada por um médico. Eu receava que pudesse ter acontecido alguma coisa de grave. O que nunca me vou esquecer é do olhar daquele médico, que me olhou com uma humanidade tal que me perguntei: “Mas quem és tu que me olhas assim?” E ali abriu-se-me um *link*: “Esta forma de reconhecer que não é a pessoa, que quem está diante de mim me está a indicar qualquer outra coisa, eu estou a vivê-la”. Se tinha entrado na triagem por causa de um choque, saí de lá “investida” por aquele olhar. Nos dias seguintes, tinha na cabeça aquele olhar e aquela pergunta. A certa altura, comecei a bombardear a secretaria do movimento para retomar os contactos, porque já tinha visto e reconhecido aquele tipo de olhar, e só na educação do movimento é que aprendi a reconhecer aquele olhar. O que aconteceu foi um facto objetivo, uma coisa real. Depois do choque, as pessoas diziam-me: “Estás com um olhar diferente, estás mais tu. O que te aconteceu?” Eu não conseguia explicar, e por isso comecei a procurar outra vez o movimento. Porquê? Porque não queria perder aquilo que tinha encontrado! Queria manter aquele reconhecimento e o único lugar que me poderia ajudar era a Escola de Comunidade, porque aqui eu fui educada a reconhecê-Lo, a vivê-Lo».

Aqui está uma pessoa em quem Cristo venceu. «A autoridade toma-me todo», ouvimos de Dom Giussani, é totalizante: fico tão espantado que Cristo vença assim em alguém – quem quer que seja – que não posso deixar de querer dar tudo, não posso evitar ser todo tomado. A autoridade toma-me todo. Como me escreve um de vocês: «A minha vida é um contínuo recomeço do reconhecimento desta Presença, de uma determinada Presença. Só daqui pode nascer o entusiasmo, a alegria, a letícia na vida. Uma Presença que é capaz de obter de mim aquilo que ninguém mais consegue. Só Cristo é capaz de obter de mim uma adesão, uma afeição, um amor não comparável com mais nada». Percebem por que é que isto é a única coisa que pode vencer o niilismo?

Mas este “tomar-me todo”, paradoxalmente, em vez de me tornar mais escravo, torna-me finalmente livre. A autoridade é «fonte da liberdade», «faz explodir a minha liberdade».

«Este homem fala com autoridade”. Mas quem é a autoridade? Há, a este respeito, uma frase de Dante, no terceiro canto do *Paraíso*, que é deliciosamente perfeita: “A seu maior desejo se cingiu” – ele cinge-se ao sinal, ao rosto que estava mais cheio de desejo e que, portanto, lhe despertava mais desejo –. A autoridade é um rosto novo, cheia de “maior desejo”, que desperta em nós um “maior desejo”. Continua Dom Giussani: «Só encontrando a autoridade é que o verdadeiro contentamento começa a infiltrar-se pela nossa porta, a atravessar o limiar da nossa personalidade: olhando para aquele rosto humano novo, uma pessoa apercebe-se de uma *correspondência* com aquilo que o coração espera e,

portanto, descobre um contentamento. Sem autoridade, não há contentamento; haverá “satisfação” ou, se quisermos, “prazer”, mas não o contentamento humano da liberdade, do pensamento e do coração, dos olhos e da palavra» (*L'avvenimento cristiano*, Bur, Milão 2003, pp. 16-17).

Só se Cristo tiver um tal domínio sobre nós é que poderemos arriscar como a pecadora, que testemunhou a liberdade de ser ela mesma diante dos olhos de todos, sem se deixar determinar os comentários, pelas opiniões, pelas reações daqueles que a rodeavam. Nenhum medo a detém, nenhum compromisso com a mentalidade comum. Não tem nada a perder. Todos a consideram pecadora, então o que tem ela a perder? Por isso pode ter a audácia de se deixar tomar toda por Cristo, até às entranhas. Não fechada no seu quarto, mas diante de todos. Despertando a reação de todos. Incluindo a de Jesus. Mas Ele não se confunde, Ele sabe quem ela é. E através de Sua maneira de olhar para ela, de reagir, surge a Sua diferença, única. Inquietante.

Esta liberdade hoje é decisiva para educar, para arriscar em querer bem sem posse, com aquele desapego que torna possível a comunicação da Sua presença, sem colocar a nossa humanidade no congelador, para não reduzir o cristianismo a valores «demasiado puros, demasiado pálidos» – dizia de Lubac – para atrair e despertar o interesse no centro do eu (*Il drama dell'umanesimo ateo*, vol. 2, in Id., *Opera omnia*, Jaca Book, Milão, 1992, p. 59).

É por isso que uma pessoa quer tornar-se filho, participando da «cepa de vida» do qual é investido, aem que vê Cristo vencer. «A cepa da vida é o meu eu que é investido e tornado diferente por esta relação». O filho é livre de irradiar a diferença que carrega, recebida de outro que o gera constantemente. Como diz São Paulo: «Não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus, o Senhor». Mas como é que o anuncia? «E nos consideramos vossos servos, por amor de Jesus. Porque o Deus que disse: das trevas brilhe a luz, foi quem brilhou nos nossos corações, para irradiar o conhecimento da glória de Deus, que resplandece na face de Cristo. Trazemos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que se veja que este extraordinário poder é de Deus e não é nosso». (2 *Cor* 4,5-7).

3. Ninguém gera, se não é gerado agora

A autoridade é uma paternidade presente, como acabamos de ouvir de Dom Giussani.

Isto é particularmente decisivo para cada um de nós: «Uma pessoa não pode ser pai, gerador, se não tiver ninguém como pai. Não [atenção] se “não teve” [um pai], mas se “não tiver” [no presente] ninguém como pai. Porque se não tem ninguém como pai, quer dizer que não se trata de um acontecimento, [...] não é uma geração. *A geração é um ato presente*» (L. Giussani, «La gioia, la letizia e l'audacia. Nessuno genera, se non è generato», *Tracce*, nº 6/1997, pp. II, IV). E isto vê-se a léguas. Quem é que tem um pai? Quem é gerado agora. Como quando vamos a casa de uma família, e ali vemos quem é filho, quem é gerado naquele momento e quem não é; quem não é gerado defende-se, está cheio de medo do pai.

Ora, «a postura diante do outro é uma postura permanente, mas a implementação da paternidade como conteúdo da postura permanente é algo de presente. Ter um pai é uma postura permanente porque pertence à sua história. Se em

1954 eu não tivesse entrado no Liceu Berchet e tivesse entrado noutra liceu, teria sido toda uma outra história. A postura é permanente, mas a geração – que é o interessante da paternidade – é presença, é algo presente. Por isso não podemos ser geradores se não tivermos um pai, a não ser que tenhamos um pai, a não ser quando somos gerados», porque «alguém que não é pai é “afetivamente deficiente”. E uma pessoa afetivamente deficiente teve pai, mas não o tem no presente. A paternidade pessoal, a paternidade gera o eu; aliás [...] gera não o eu, mas a ação do eu» (*ibidem*, p. IV).

Por isso, Dom Giussani conclui: «Ninguém gera, se não é gerado. Não “se não foi gerado”, mas “se não é gerado”. Este conceito de paternidade é o conceito mais combatido por toda a cultura iluminista» (*ibid*), e também entre nós, que tantas vezes fazemos parte dessa mentalidade.

Consequentemente, para poder gerar hoje – os pais aos filhos, os professores aos alunos –, para poder recomeçar como foi no início, para poder dar um contributo neste momento dramático da história, não basta a recordação de um passado, é preciso uma paternidade presente. Para poder gerar hoje é preciso uma presença presente, irreduzível ao passado, que expresse um “mais”, um inesperado, um imprevisível, alguma coisa que não existia e está ali.

Disse-o recentemente o Papa Francisco aos missionários do Pime: «Evangelização é testemunho de Jesus Cristo, morto e ressuscitado. É Ele quem atrai. É por isso que a Igreja cresce por atração e não por proselitismo, como dizia Bento XVI» (Discurso ao Capítulo Geral do Pime, 20 de maio de 2019).

Mas onde é que isto acontece? Para onde é que Ele atrai? Para onde é que Ele chama? Atrai e chama para onde uma pessoa se encontra diante de uma presença concreta como a tua, graças à qual ela pergunta: «Por que és assim?». «Quem é este?». Pergunta-o vendo-te a ti, agora, no presente.

Tu, por aquilo que és, com a tua vida, anuncias Jesus Cristo, mostras Jesus. Como diz Pasolini (citado por Dom Giussani) em termos leigos, referindo-se ao fenómeno da educação: «Se alguém [...] te tivesse educado, só o poderia ter feito com o seu ser, não com o seu falar» (*Lettere luterane*, Einaudi, Turim 1976, p. 44). É isto a missão: que Cristo se faça ver através da minha pessoa, da minha maneira de estar na realidade, ou seja, que eu seja testemunha desta Sua geração, que me fez assim, que me tornou assim, que me gerou assim, com esta maneira de ver e de enfrentar as coisas: um filho, da mesma cepa do que o pai.

Um universitário contou-me que, há algum tempo, chegou ao apartamento onde ele vive um jovem que trabalha. Não frequenta a Igreja e, por razões de trabalho, tem uma vida bem diferente da sua, deita-se muito tarde e nunca está ao jantar. Em suma, parecia-lhe que estava “estacionado” ali no apartamento, mais nada. Até que uma noite veio jantar um amigo que, espantado com o que estava a ver, começou a dizer: «Mas que belo apartamento!» e a reparar em coisas que ele, que morava ali, nunca tinha reparado. A certa altura, sai do seu quarto o jovem trabalhador – ninguém sabia que ele estava em casa –, senta-se à mesa e o amigo começa a conversar com ele. O universitário não faz caso, mas na manhã seguinte, o seu amigo telefona-lhe para lhe dizer: «Olha que aquele rapaz está mesmo à procura, vê-se mesmo que viu alguma coisa em vocês». E ele: «Hum, não me parece nada...» Nessa mesma manhã, o universitário

decide ir tomar um banho no rio e, com pouca convicção, diz ao jovem trabalhador: «Queres vir?» E ele diz: «Sim, sim, vou». Chegados ao rio, o jovem trabalhador começou a contar o que foi para ele chegar àquele apartamento: «Dei-me logo conta de que havia alguma coisa de diferente em vocês». Ninguém lhe tinha dito que muitos dos que ali estavam eram do movimento. Na quarto do estudante com quem ficou, tinha encontrado o livrinho *A voz única do ideal* (San Paolo, 2018): «Li-o todo – acrescentou – e depois dei-o ao meu irmão que está a começar o quinto ano, porque aquilo é mesmo necessário». E então disse-lhe: «Eu gostaria de vos conhecer»; e depois: «Ensinas-me a rezar?» O universitário dizia-me, concluindo: «Na noite anterior, eu tinha pensado em perguntar aos outros da casa se queriam fazer uma oração no final da noite, mas depois pensei: ele está aqui, é melhor não, por que razão haveria de ter interesse em rezar? Cá está, eu não estava a ver uma coisa que aquele amigo meu convidado tinha visto imediatamente; ainda bem, porque a sua abertura de olhar também me investiu».

Que pobreza é necessária para nos deixarmos gerar pelos últimos a chegar! De facto, qual é o risco que tantas vezes corremos, como vimos neste caso? O óbvio. De onde é que se vê? Do facto de que já não há espanto em nós. Vemos coisas surpreendentes, temo-las diante dos nossos olhos, do nosso nariz, mas não nos apercebemos, não nos damos verdadeiramente conta daquilo que está a acontecer, enquanto acontece. Não conseguimos ver onde é que Cristo está a vencer, mesmo debaixo dos nossos olhos.

Acontece também agora aquilo que acontecia no início, como conta o Evangelho: «Entrando em Cafarnaúm, aproximou-se dele um centurião, suplicando nestes termos: “Senhor, o meu servo jaz em casa paralítico, sofrendo horrivelmente”. Disse-lhe Jesus: “Eu irei curá-lo”. Respondeu-lhe o centurião: “Senhor, eu não sou digno de que entres debaixo do meu tecto; mas diz uma só palavra e o meu servo será curado. Porque eu, que não passo de um subordinado, tenho soldados às minhas ordens e digo a um: ‘Vai’, e ele vai; a outro: ‘Vem’, e ele vem; e ao meu servo: ‘Faz isto’, e ele faz”. Jesus, ao ouvi-lo, admirou-se e disse aos que o seguiam: “Em verdade vos digo: Não encontrei ninguém em Israel com tão grande fé! Digo-vos que, do Oriente e do Ocidente [os últimos, pagãos], muitos virão sentar-se à mesa do banquete com Abraão, Isaac e Jacob, no Reino do Céu, ao passo que os filhos do Reino [ou seja, os que foram chamados primeiro] serão lançados nas trevas exteriores, onde haverá choro e ranger de dentes”» (Mt 8,5-12). E não porque Ele os expulsa, como uma punição, mas porque se excluem a eles mesmos por não O terem reconhecido. Os últimos podem reconhecer, como o centurião, o que os filhos, a quem em primeiro lugar se destinava o anúncio de Jesus, não reconhecem.

É este o drama. Que nós, «os filhos do Reino», que também comemos e bebemos com Ele tendo participado na vida da comunidade cristã, possamos não perceber o que está a acontecer agora, enquanto os últimos o percebem. Perdemos, por isso, a novidade que Cristo está a introduzir na história – não no passado, mas agora – aquela novidade que são precisamente os últimos a chegar que reconhecem, enquanto nós estamos ali a discutir as “nossas coisas”, e assim sucumbimos à mentalidade comum, sucumbimos às regras. Na ausência de espanto, sucumbimos às regras, às estratégias, como diz o Papa João Paulo I, naquela frase que Dom Giussani tantas vezes citou: «O verdadeiro drama

da Igreja que adora definir-se como moderna [isto é, dos cristãos que no fundo se rendem à mentalidade comum] é a tentativa de corrigir o assombro do acontecimento de Cristo com regras» (João Paulo I, *Humilitas*, n. 3/2001, p. 10). Comenta Dom Giussani: «Quando nos subtraímos ao espanto [quando já não nos espantamos com nada e não reconhecemos aquilo que acontece enquanto acontece, ou seja, o acontecimento de Cristo que acende e revela o teu rosto] [...], não podemos evitar sujeitar a própria vida, segmentada, à escravidão das regras» (*In cammino*. 1992-1998, op. cit., pp. 107-108).

Pelo contrário, «o acontecimento cristão é um encontro com uma realidade humana que veicula a evidência de uma correspondência do divino – que se inclinou e entrou na nossa vida – com o que somos. Este encontro abre-me os olhos sobre mim mesmo, provoca uma revelação de mim, *demonstra-se correspondente* àquilo que eu sou: *faz-me perceber* o que sou, do que quero, porque me faz perceber que aquilo que traz é precisamente o que eu quero [...] Como se dissesse: “Olha [olha!] para o que és, e depois diz-me se eu não te correspondo: é só porque não te conheces que podes acreditar que eu não te correspondo e preferir outra coisa como significado do teu eu” [ou seja, que podes perder-Me» (*ibidem*, pp. 111-112). Por fim, Giussani alerta-nos para o perigo que paira sempre sobre nós. Que perigo? O de pensar que nos podemos desenvolver autonomamente em relação ao pai: «À medida que o tempo passa, o perigo é que [nós] se desenvolva como o filho se desenvolve em relação ao pai: que segue o seu caminho prescindindo do pai» e assim «os filhos já não são filhos do pai; são momentaneamente discípulos [vejam que descrição perfeita: muitas vezes nós somos “momentaneamente discípulos”] para poder agir; quando podem agir, agem por conta própria [quando podemos agir, agimos por conta própria, abdicamos de boa vontade do pai]. [...] Pelo contrário, se uma pessoa é filho, cresce e remete tudo o que é novo àquilo que o pai dizia» (Apontamentos do Conselho de Presidência de CL, Milão, 24 de julho de 1992, conservadas na Secretaria Geral de CL, Milão).

Este é o desafio que temos diante de nós no início deste ano: viver a tensão de captar aquela presença que nos gera, aquela autoridade que vence o niilismo, uma presença de tal forma excecional que nos leva a pergunta: «Quem é este?».

«Deus ama-nos», disse recentemente o Papa Francisco, «tornou-se mais próximo do que podíamos imaginar, tomou a nossa carne para nos salvar. Este anúncio é o coração da fé, deve preceder e animar todas as nossas iniciativas. Nós existimos para tornar palpável esta proximidade. Mas não se pode comunicar a proximidade de Deus sem experimentá-la, sem experimentá-la todos os dias...» (Discurso aos Bispos que participam do Curso de Formação promovido pela Congregação para os Bispos e pela Congregação para as Igrejas Orientais, 12 de setembro de 2019). Só tornando-nos filhos, só fazendo experiência de uma paternidade, é que podemos testemunhar uns aos outros e comunicar àqueles que nos encontrarão pelo caminho a resposta ao vazio de significado que hoje predomina. ■